

FIER-À-BRAS: AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DO CENÁRIO DO CONFLITO MUCKER

Daniel Luciano Gevehr¹

Resumo

Local de moradia dos Mucker no final no século XIX, o morro Ferrabraz, localizado no atual município de Sapiranga (RS) foi, ao longo do tempo, alvo de várias interpretações. Em nossa análise, discutimos como as representações sociais construídas sobre o Ferrabraz se apresentam nos textos historiográficos e também em diferentes formas de narrativas, que acabaram difundindo determinados imaginários sobre esse importante cenário da história dos Mucker.

Palavras-chave: Morro Ferrabraz; Representações Sociais; Mucker.

FIER-À-BRAS: THE DIFFERENT REPRESENTATIONS OF THE SETTING FOR THE MUCKER CONFLICT

Abstract

The place where the Mucker lived at the end of the XIX century, the Ferrabraz hill, located in the town of Sapiranga (RS) was, through time, subject to several different interpretations. In the analysis proposed here, we have discussed the extent and ways in which the social representations built around the Ferrabraz have been presented in historiography texts, as well as in different forms of narratives, which have disseminated certain imageries on this important place of the Mucker's history.

Keywords: Ferrabraz hill; Social Representations; Mucker.

Nosso estudo tem como objeto de análise o morro Ferrabraz, localizado no atual município de Sapiranga (RS) e que no século XIX – período em que a região recebia os imigrantes alemães – foi palco do conflito Mucker. Privilegiamos, à luz da História Cultural, a análise das representações produzidas sobre esse *lugar dos Mucker*, veiculada na historiografia, na imprensa, na literatura e no cinema. Buscamos com isso, compreender como foi representado e (res)significado o cenário do conflito em diferentes fontes que abordam a história dos Mucker.

¹ Graduado, mestre e doutor em história pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) e na graduação e pós-graduação do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). <danielgevehr@hotmail.com>

Local de moradia dos Mucker e de realização dos cultos de Jacobina e das práticas de curandeirismo, o morro Ferrabraz foi alvo de várias interpretações, que acabaram transformando o local em um símbolo da história da imigração alemã² no sul do Brasil, na medida em que o lugar passou a ser identificado como *o lugar dos Mucker*.

Em nossa análise, consideramos que as representações sociais³ construídas sobre o morro Ferrabraz não se encontravam apenas em textos historiográficos, mas também em diferentes formas narrativas. Tendo a concepção de que as representações sociais sobre os Mucker apresentavam-se de diferentes formas, procuramos analisar como determinados veículos de representação – textos historiográficos e literários, imprensa e cinema - acabaram difundindo determinadas concepções e pontos de vista sobre o conflito.

O conflito Mucker ocorreu nas imediações do morro Ferrabraz, entre os anos de 1868 e 1974. O grupo liderado por Jacobina Mentz Maurer foi acusado pelas autoridades de estarem constituindo um grupo de fanáticos religiosos, que tiveram sua atuação associada a uma série de acontecimentos marcados pela violência que, supostamente teriam sido praticados pelos Mucker. O conflito chega tem seu desfecho com a atuação das forças imperiais, que resultou na morte da maioria dos Mucker e também do Coronel Genuíno Sampaio, que comandou as tropas na luta contra os Mucker no morro Ferrabraz, onde ficava a casa de Jacobina e onde aconteciam os cultos celebrados por ela. Quanto ao termo Mucker cabe lembrar que o mesmo pode ter vários significados, podendo ser traduzido por santarrão, fanático religioso ou também associado ao barulho das abelhas na colméia.

Embora o conflito tenha seu desfecho em 1874, algumas consequências ainda foram sentidas nos anos posteriores, não apenas através dos inquéritos policiais, mas também através de dois acontecimentos em especial. Referimo-nos aos episódios ocorridos na Linha Pirajá, em Nova Petrópolis, e na Terra dos Bastos, atual município de Marques de Souza. Nessas duas localidades, nas quais algumas famílias adeptas dos Mucker haviam fixado residência, ocorreram alguns assassinatos de familiares relacionados aos Mucker, praticados por seus vizinhos, que estavam preocupados com a possível reorganização do grupo. Em razão dessas desconfiças por parte dos vizinhos nessas localidades, ocorreram, sucessivamente, os assassinatos de três homens na Linha Pirajá, em 1898, e de mais cinco homens na Terra dos Bastos em 1903. Esses atos cometidos demonstravam o medo que havia entre a população da área de imigração alemã, que se viu novamente ameaçada pela presença de dissidentes do grupo do Ferrabraz.

Como forma de eliminação dessa ameaça, os moradores resolveram fazer justiça com as suas próprias mãos, exteriorizando um sentimento de ressentimento em relação aos Mucker. Refletindo sobre a

² Na análise que realizamos sobre o morro Ferrabraz, valemo-nos, além dos estudos sobre representações sociais, de autores que discutem as questões relacionadas com a história ambiental, que muito contribuíram para o entendimento das relações existentes entre o espaço geográfico e as escritas produzidas sobre esses espaços naturais. Em especial, apontamos as análises feitas por: AZEVEDO, Jorge Baptista de. *A estética da ruralidade nas paisagens urbanas e sua presença no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências da UFF, 2007. Também foi esclarecedora a análise feita por SCIFONI, Simone. *A Construção do Patrimônio Natural*. São Paulo: FFLCH, 2008.

³ Não desconhecemos a diversidade de abordagens sobre as representações sociais, contudo, valemo-nos na construção desse artigo, especialmente, dos estudos realizados por Pierre Bourdieu, Roger Chartier e Bronislaw Baczko. Consideramos também extremamente válida a observação feita pela historiadora francesa Denise Jodelet de que “elas [as representações sociais] expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações.” (JODELET, 2001, p.3)

questão que envolve o ressentimento, Pierre Ansart (2004, p.28) afirmou que é preciso considerar os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois são exatamente esses sentimentos e representações que envolvem aquilo que ele chama de *ressentimento*.

Iniciamos nossa discussão acerca do tema proposto, a partir daquilo que Pollack chamou “*de trabalho de constituição e de formalização das memórias*” (POLLACK, 1989. p. 4). Segundo ele, para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que ela nos traga apenas o testemunho, mas sim que esta encontre muitos pontos de convergência entre aquilo que queremos afirmar e as memórias de nossos testemunhos. Somente a partir do encontro dessas memórias é que podemos reconstruir as lembranças do passado sobre uma base comum.

As representações sociais construídas sobre o conflito e o lugar onde ele ocorreu – o morro Ferrabraz – permitem-nos ainda pensar naquilo que Pollack denominou de “*trabalho especializado de enquadramento*” (Ibidem, p. 11). De acordo com o autor, a memória é alvo de manipulações e defesa de interesses pessoais e coletivos, estando necessariamente relacionada com o contexto e com a época em que foi produzida.

Quanto a essa questão, observamos que as representações construídas sobre os Mucker – e de forma especial sobre o lugar que habitam esses personagens - inseriam-se precisamente nesse contexto, no qual a memória foi manipulada de forma que a imagem produzida sobre os Mucker foi *enquadrada* segundo os objetivos de cada autor e de acordo com sua época.

Considerando as afirmações de Pollack, podemos ainda analisar as representações sociais ligadas àquilo que Seixas descreveu como um conjunto de interesses coletivos, no “*qual lembramos menos para conhecer do que para agir*” (SEIXAS, 2004. p. 53). Segundo a autora, a memória está menos ligada ao processo de entendimento do passado, mas sim diretamente identificada com os interesses que fazem as pessoas lembrarem de um determinado fato. Nesse sentido, a memória pode ser manipulada de acordo com os interesses de determinados grupos e de determinadas épocas. Para ela não existe uma memória desinteressada. Ao contrário, a memória teria um destino prático, realizando a síntese do passado e do presente visando ao futuro, buscando os momentos passados para deles se servir.

Dessa forma, “*a memória carregaria, assim, um atributo fortemente ético, incidindo sobre as condutas dos indivíduos e dos grupos sociais*” (Ibidem, p. 53), procurando com isso induzir as condutas dos indivíduos na sociedade. Sem dúvida, essa teoria defendida pela autora ajuda-nos a entender a dinâmica que envolveu a construção e a difusão das representações sociais sobre os Mucker no meio social.

Relacionado com essa questão que envolve a memória coletiva e a construção das representações sobre o conflito Mucker, devemos atentar para o estudo realizado por Bourdieu (2001), que nos mostra como a produção de discursos⁴ está diretamente ligada ao contexto no qual estes se fazem presentes. Inseridos no campo das relações de poder, as narrativas procuram estabelecer uma determinada ordem das coisas, seguindo interesses de ordem política, econômica, social e cultural.

Para Bourdieu, a produção dos discursos não ocorre de forma *inocente nem inconsciente*, mas sim como resultado de interesses de determinados grupos, detentores de um *poder simbólico* (BOURDIEU,

⁴ No artigo, o conceito de discurso é tomado como sinônimo de narrativa, ou seja, enquanto um veículo portador de representações sociais e que tem, no contexto analisado, a preocupação em manter viva a memória sobre os Mucker.

2001, p.9). Segundo ele, esse poder age sobre as estruturas sociais, impondo uma determinada visão dos fatos, transformando-os em verdades absolutas. Dessa forma, acreditamos que as representações sociais sobre os Mucker vinculavam-se a esse campo de poder, no qual determinadas ideias podiam ser *ditas* e outras precisam ser *silenciadas*, de acordo com a realidade do momento em que se encontrava o autor das narrativas.

Ainda em relação às representações e seu campo de produção, valemo-nos dos estudos realizados por Burke, para quem uma paisagem (ou, neste caso, a sua descrição) – como é o caso do morro Ferrabraz - evoca associações políticas ou até mesmo uma ideologia (BURKE, 2004, p.54-55), recurso bastante utilizado ao longo da história para identificar, por exemplo, paisagens com nacionalidade, especialmente na pintura. Analisando o morro Ferrabraz, localizado em Sapiranga, a partir da teoria proposta por Burke, pensamos o cenário do conflito Mucker como um símbolo da maior importância.

Com sua geografia recortada, o morro Ferrabraz sugeria aos tropeiros de gado que por ali passavam, ainda no século XVIII, a imagem de um monstro sarraceno *Fier-à-bras*, que mais lembrava a imagem distante do gigante sarraceno que aparecia nas canções de gesta da Europa medieval. Atualmente, o morro é um dos cartões postais da cidade e atrai muitos turistas em função da prática do vôo-livre, conferindo à cidade o título de capital do vôo-livre.

Espaço físico e local das práticas de Jacobina e João Jorge Maurer e, ainda, de residência de muitos Mucker, o morro Ferrabraz pode ser interpretado como um importante símbolo identificado com o passado Mucker. O morro Ferrabraz conta com 634 metros de altitude e impõe-se soberano sobre os moradores de Sapiranga, que de qualquer lugar da cidade podem observá-lo com facilidade.

Concentramo-nos em analisar de forma mais aprofundada as diferentes representações construídas sobre o cenário do conflito Mucker, ou seja, o morro Ferrabraz. Nessa perspectiva, procuramos realizar um levantamento dos diferentes meios de difusão dessas representações, que acabaram por difundir diferentes visões sobre o cenário do conflito Mucker.

Com o propósito de melhor organizar nosso estudo e situar o leitor quanto às fontes analisadas, construímos um breve *quadro biográfico* dos autores selecionados, apresentando-os, ainda que de forma breve, em seu contexto de produção. Acreditamos que assim se torna mais compreensível a análise feita quanto às representações difundidas por esses autores em suas respectivas obras, no que se refere ao morro Ferrabraz:

Nome do autor	Atividade /Contexto histórico em que se insere o autor e sua produção sobre os Mucker	Obra analisada
Francisco C. de Santiago Dantas	<p>Nasceu em Itaguaí, estado do Rio de Janeiro no dia 19 de maio de 1844. Desde cedo, recebeu formação militar, tornando-se soldado do 1º Batalhão de Artilharia a pé aos 19 anos de idade. Atuou como soldado nas ações brasileiras no Uruguai e Paraguai. Formado em matemática e ciências físicas e naturais, Dantas foi também engenheiro militar. Na política, exerceu o mandato de deputado na Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul entre 1879 e 1880. Em razão da morte do Cel. Genuíno Sampaio, Dantas acompanhou de perto as operações que resultaram no desfecho do conflito e no assassinato de Jacobina. Em seu extenso relatório de 17 páginas, Dantas expõe seu posicionamento em relação ao conflito, que segundo sua versão, era resultado da ignorância e do fanatismo religioso. Dantas faleceu em 11 de junho de 1889 em Cuiabá.</p>	<p>Relatório <i>Ligeira Notícia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul</i>, em 1877.</p>
A m b r ó s i o Schupp, SJ	<p>Nasceu em Montabaur, Alemanha em 26 de maio de 1840. cursou filosofia e teologia na Universidade de Würzburg. Chegou ao Brasil em 10 de outubro de 1874, um pouco após o término do conflito Mucker. Nos primeiros 16 anos no Brasil, exerceu o cargo de Prefeito de Estudos no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Concomitante a essa função, exerceu o cargo de padre nas capelas de São Leopoldo, Hamburgerberg, Lomba Grande, Sapiranga e Mundo Novo. Em 1901, assumiu a direção do Seminário Episcopal e, em 1904, transferiu-se para Rio Grande, para dirigir o colégio da ordem jesuíta daquela cidade. Após essas atividades, finalmente atuou como professor no Ginásio São Luís, em Pelotas, vindo a falecer em 1914.</p>	<p>Livro <i>Os Muckers</i> foi publicado primeiramente em 1900, em língua alemã, em Paderborn, na Alemanha. A tradução para o português e a consequente publicação no Brasil ocorreu apenas em 1906, pela editora Selbach & Mayer, de Porto Alegre. A tradução para a língua portuguesa foi realizada por Alfredo Clemente Pinto.</p>
Leopoldo Petry	<p>Nasceu em 15 de julho de 1882, em Novo Hamburgo. Estudou como interno por dois anos no Colégio dos jesuítas em São Sebastião do Caí, quando então foi transferido para o Seminário Episcopal de Porto Alegre. Após seus estudos, exerceu a função de professor na Aula Pública para meninos em Lomba Grande, atual município de Novo Hamburgo. Casou-se duas vezes, em razão da morte de sua primeira esposa. Petry foi pai de seis filhos e, após abandonar o magistério, exerceu a profissão de oleiro. Foi secretário da Intendência Municipal de São Leopoldo e coletor estadual de Novo Hamburgo. Em 1927, com a emancipação política de Novo Hamburgo, passou a exercer a função de intendente daquele município até 1930. Neste ano Petry foi preso por não aderir à Frente Única, sendo logo solto. No ano seguinte, assumiu o Cartório de Registros de Imóveis de Novo Hamburgo até sua aposentadoria em 1947. Petry foi sócio do IHGRS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e foi homenageado em 1955 com a medalha Imperatriz Leopoldina, concedida pelo IHGSP – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Faleceu em 29 de novembro de 1966. A publicação da obra de Leopoldo Petry ocorreu pela primeira vez em 1957, sendo reeditada em 1966. Sua obra foi traduzida para o alemão por Theophilo Dietschi. Sua obra sobre os Mucker foi alvo de inúmeras críticas, que a identificaram como sendo uma tentativa de inocentar os Mucker, recorrendo inclusive à omissão de muitas informações que associavam os Mucker aos ataques praticados na época do conflito.</p>	<p>Livro <i>O episódio do Ferrabraz. Os Mucker</i> foi publicado em 1966.</p>

M o a c y r Domingues	Estudioso do conflito Mucker, apresentou, na década de 1970, um dos mais importantes estudos sobre os Mucker, no qual realizou um importante levantamento documental. Nele, o autor apontou para o clima de tensão que ainda havia em Sapiranga na primeira década do século XX. Vale ressaltar que na obra de Domingues existem inúmeras referências a Karl Von Koseritz, que foi político e intelectual do final do século XIX e que foi considerado um grande difusor de ideias negativas sobre os Mucker.	Livro <i>A Nova Face dos Mucker</i> foi publicado em 1977.
Luiz Antônio de Assis Brasil	Nasceu em 1945, em Porto Alegre. Viveu parte de sua infância no município de Estrela – RS, onde conheceu a cultura da população teuto-brasileira. Retornando à Porto Alegre, Assis Brasil estudou com os padres jesuítas, vindo a se formar em Direito em 1970. É Doutor em Letras e, atualmente, exerce a função de professor na PUCRS.	Romance histórico <i>Videiras de Cristal</i> foi publicado em 1990.
Leopoldo Sefrin	Autor dos artigos publicados na imprensa sobre os Mucker. Era considerada uma pessoa de prestígio social e proprietário do cartório da cidade de Sapiranga, além de bacharel em Direito. Seu filho, Leopoldo Luiz Sefrin emprestou seu nome como dono oficial do Jornal, em razão de seu proprietário Guilherme José Powolny, ser estrangeiro e não poder colocar o jornal em seu nome. Sabemos que o número de exemplares publicados pelo jornal ficava em torno de 1500, levando-nos a acreditar que o número de leitores não chegava a 5000 pessoas. Essas edições eram, em sua maioria, vendidas por assinatura e eram de circulação local para uma população que chegava a pouco mais de 12000 habitantes.	<i>Jornal O Ferrabraz</i> foi fundado em 1º de dezembro de 1949. Os artigos sobre os Mucker foram publicados por Sefrin entre 1949 e 1960.
Wolf Gauer e Jorge Bodansky	Lançado no Festival de Cinema de Gramado em 1979. Resultado de uma co-produção entre Alemanha e Brasil, o filme foi alvo de inúmeros elogios dos críticos de cinema de sua época, o que fez com que recebesse prêmios como de melhor direção, melhor cenografia e de melhor atriz, para sua personagem central Jacobina, interpretada pela sapiranguense Marlise Saueressig. Não podemos deixar de referir e descrever o contexto no qual ocorreu a estréia do filme de Gauer e de Bodansky. Após quatro anos de intensas pesquisas, em 1976, a historiadora Janaína Amado havia defendido sua Tese de Doutorado em História na Universidade de São Paulo, lançando um novo olhar sobre o conflito Mucker, a partir de uma perspectiva acadêmica inédita até então. Sua tese foi publicada em 1978 e alcançou grande repercussão.	Filme: <i>Os Mucker: o massacre da seita do Ferrabrás</i> , de 1979.
Luís Carlos e Lucy Barreto	Utilizando técnicas de montagem e filmagem mais aprimoradas, a equipe responsável pelo filme se propôs a realizar uma grande produção cinematográfica. Em razão disso, foram contratadas várias equipes especiais, responsáveis por todos os detalhes da produção, foram construídos cenários, contratados atores e atrizes profissionais, sendo que, dessa oportunidade, os moradores da região participaram apenas como figurantes. Nesse filme, Jacobina foi interpretada pela atriz global Leticia Spiller, o que deu certa notoriedade nacional à personagem, desconhecida da maioria do público até então.	Filme: <i>A paixão de Jacobina</i> , de 2002.

Considerando as obras apresentadas acima e seus diferentes contextos de produção, acreditamos poder analisar a dinâmica que envolve a produção das representações sociais difundidas sobre o morro

Ferrabraz. Em nosso estudo procuramos concentrar nossa análise, num primeiro momento, nas obras que deram maior ênfase à descrição física do Ferrabraz e, num segundo momento, àquelas que enfatizaram a atuação dos personagens inseridos no Ferrabraz, fazendo com que os próprios personagens e o ambiente natural construíssem a ideia do *lugar*.

As representações com ênfase no ambiente do Ferrabraz

No contexto de produção de representações⁵ sobre o morro Ferrabraz, encontramos o relatório (AHRs, 1977) redigido em 1877, pelo chefe das operações militares contra os Mucker, Francisco C. de Santiago Dantas. Através das páginas redigidas por Dantas, tivemos acesso ao imaginário de um homem do final do século XIX que, ao caracterizar o cenário e os personagens envolvidos no conflito Mucker, o fez a partir de suas vivências como militar no campo de batalha.

Consideramos a versão apresentada por Dantas de fundamental importância para a compreensão das representações construídas e difundidas na historiografia sobre o tema, que, conforme veremos, se valeu das informações registradas pelo oficial do exército. Daí a necessidade de considerarmos esta narrativa como responsável, em grande parte, pela difusão de determinadas imagens sobre os Mucker. É, portanto, a partir do relatório de Dantas que iniciaremos a análise das diferentes representações construídas sobre o morro Ferrabraz. Em sua narrativa sobre o cenário do conflito, Dantas afirmou:

Acontecimento singular nos fatos da historia pátria, a questão muckers, talvez não houvesse atingido a taes proporções se outro fosse, em principio, o proceder da autoridade, mas depois de haver tomado tanto vulto, bem poderia ainda tornar mais importantes, se não tivesse sido de uma vez terminada. Quem sabe... O fanatismo de parceria com os anelos vingativos, bem poderia renovar em mais ampla escala os incêndios, devastações e assassinatos, que se realizam antes do emprego da força publica. Os antros e cavernas do Ferrabraz seriam, talvez por muito tempo ainda a guarida infernal de perturbadores da ordem e tranqüilidade de uma população pacífica e laboriosa. Hoje o colono tranquilo e prazanteiro sulca com o arado a terra, onde ha pouco sob o punhal do assassino vira correr o sangue dos seus irmãos os acontecimentos passados foram condenados ao alvido. Apenas uma ou outra vez a mai venturosa, entre sorrisos, relata ao filhinho inocente a lúgubre historia de Jacobina. Os pais sorriam-se da tímida de criança que se apavora com o conto, supondo ver surgir silenciosa floresta o mucker malfazejo, tudo é paz entre os vivos. Faz também aos manes dauqêles que ingloriamente se imolaram cumprindo um dever. (DANTAS, 1877, p.17)

A partir de uma análise mais atenta do relatório, podemos extrair vários e importantes elementos que acabaram sendo responsáveis pela construção e posterior difusão das representações sociais sobre os Mucker, na medida em que os apresenta como fanáticos liderados por Jacobina, a “raiz” de todo mal disseminado pela Colônia Alemã de São Leopoldo no final do século XIX.

⁵ Como exemplos dessa rica produção de representações sobre os Mucker podemos citar a vasta historiografia sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul, que aborda, sob diferentes ângulos, o conflito Mucker e aponta diferentes “culpados” pelos acontecimentos. Também podemos identificar na literatura e no cinema distintas interpretações sobre os Mucker, que acabaram influenciando decisivamente a produção dos “lugares de memória” da cidade de Sapiranga (RS), onde aconteceu o conflito. Essas representações podem ser observadas de forma mais clara se percorrermos os “Caminhos de Jacobina”, roteiro turístico que conduz os visitantes pelos lugares da cidade que procuram registrar momentos e personagens que marcaram a história do conflito.

Inicialmente, cabe ressaltar que a narrativa construída por Dantas é um discurso oficial. Na medida em que o autor foi um militar, responsável pelas operações no campo de batalha contra os Mucker, a sua versão dos fatos foi tomada pelas autoridades da época como “verdade absoluta”. Se a sua versão dos fatos não foi questionada pelas autoridades que encomendaram o relatório de Dantas, muito menos seria questionada pelas demais pessoas da sociedade que, anos mais tarde, teriam acesso a esse documento. Nesse caso, sua narrativa foi considerada legítima pela população, que o reconhecia como alguém autorizado a falar em nome da coletividade.

O relatório revela a preocupação em descrever, de forma minuciosa, não apenas o ambiente em que ocorreu o conflito, mas também em identificar os principais envolvidos bem como os momentos decisivos que resultaram na derrota dos Mucker. Para tal exercício, Dantas empregou termos de forte significado, que acabaram por identificar os Mucker como os verdadeiros culpados dos acontecimentos.

Dantas descreveu o Ferrabraz como um ambiente que apresentava *antros e cavernas*, que teriam servido de *guardia infernal de perturbadores*, das práticas religiosas e de curandeirismo de Jacobina e João Jorge Maurer. Além disso, o militar descreveu o ambiente físico no qual se localizava a casa dos Maurer:

A casa de Maurer estava situada na parte sul da serra Ferrabraz, bem na base da montanha. Ao norte a encosta se estendia ondulada e despovoada de matas até cerca de um quilometro. A oeste, em pequeno vale acidentado, o bosque principiava 200 metros distante para terminar 2 quilometros depois em uma dirribada. Ao sul e sudoeste colinas cobertas de mata, distavam da casa de 100 a 150 metros e eram atravessadas por imperceptíveis picadas que comunicavam o lugar com a estrada do Mundo Novo. A leste a encosta, ingreme e acidentada da serra, estancia-se sem bosques, mas atravessada por troncos de madeira derribada, elevando-se com afastamento para norte e para nordeste. As depressões do terreno e rápidas elevações sucediam-se até próximo ao lugar em que a mata, no sul, saía a picada que explorei para reconhecer si a artilharia podia chegar por ela ao descampado. (Ibidem, p.5)

Na narrativa de Dantas, o Ferrabraz é apresentado como um lugar de difícil acesso, com uma topografia acidentada, que confere à região um certo grau de isolamento geográfico. Foi precisamente nesse ambiente de terreno acidentado, de vegetação densa e fechada que o autor inseriu os personagens do conflito, relacionando o ambiente de hostilidade natural com seu moradores.

Analisando a primeira transcrição apresentada por Dantas, podemos identificar diversos elementos que procuram reconstituir a história do conflito Mucker. Um primeiro elemento que nos chama a atenção foi a sua preocupação em vincular o episódio envolvendo imigrantes e descendentes de imigrantes alemães do extremo sul do Brasil com a história do Brasil. Ele procurou destacar que o conflito foi um acontecimento que envolveu não apenas colonos alemães e que se tratou de um evento marcante da história nacional, apesar de ter sido promovido por um pequeno grupo de revoltosos.

O clima de tensão existente na região do Ferrabraz à época do conflito foi enfatizado inúmeras vezes no relatório, já que seu autor procurou relacionar as ações dos Mucker no Ferrabraz a suas consequências desastrosas. *Incêndios, devastações e assassinatos* foram fatos recorrentes naquela comunidade instalada no morro Ferrabraz.

Ao finalizar seu relatório, Dantas afirma que na silenciosa floresta o Mucker malfazejo ainda fazia

sentir suas consequências, mesmo após seu desfecho. Os Mucker são, em seu ponto de vista, a representação do inimigo, que, mesmo depois de derrotado, produzia consequências nefastas, agindo sobre a memória dos mais velhos e para impor medo às crianças. É, sobretudo, no imaginário infantil que as memórias dos Mucker faziam-se notar de forma mais evidente. Dantas informa-nos, em seu relatório, que entre as famílias que permaneceram nas imediações do Ferrabraz, os Mucker – e, em especial, Jacobina – tornaram-se personagens das histórias inventadas para as crianças, sobretudo quando se desejava despertar o medo.

Utilizado pelos pais como recurso na sua educação ou punição das crianças, o morro Ferrabraz acabou se transformando num cenário que despertava o medo; suas matas, em campo fértil para a imaginação, assim como os Mucker, que acabaram se transformando em personagens temidos e aterrorizantes.

Nessa mesma linha interpretativa, temos *Os Muckers*, do padre jesuíta Ambrósio Schupp. Sua obra contribuiu de forma decisiva para a construção de outras narrativas sobre o conflito Mucker. Através dela, temos acesso à compreensão de Schupp sobre o movimento que em muitos momentos confunde-se com aquela descrita por Dantas em seu relatório militar.

Destacamos a atuação do jesuíta na coleta de importantes informações sobre os acontecimentos que envolveram os Mucker e os demais moradores da colônia. Esse importante trabalho de pesquisa de campo realizado por Schupp ocorreu logo após o desfecho do conflito, ainda no ano de 1874. Schupp procurou ouvir os moradores da região que estiveram envolvidos de forma direta no combate aos Mucker, com a finalidade de publicar uma obra que contasse a história do conflito e que, ao mesmo tempo, servisse de registro histórico dos depoimentos de seus sobreviventes. Cabe considerar que Schupp ouviu apenas os sobreviventes que se opuseram aos Mucker, ou seja, em sua narrativa, sobressaem as versões contadas pelos inimigos dos Mucker.

No momento em que anuncia como fontes de seu estudo os depoimentos de sobreviventes do conflito - 19 sobreviventes no total -, o autor demonstra parcialidade em suas narrativas, uma vez que essas se constituem em narrativas que apontam para a desqualificação dos Mucker. Em nenhum momento de sua obra encontramos depoimentos de sobreviventes ligados ao grupo de Jacobina.

No prólogo da primeira edição alemã, o autor enfatizou, numa breve introdução, que oferecia uma versão verdadeira respaldada nos depoimentos dos envolvidos no conflito:

O que ele vai narrar neste livro é também a verdade, realidade pura. É a história verdadeira da origem e desenvolvimento inexplicável, dos excessos sangrentos e do fim trágico de uma seita de fanáticos, tal qual ela se desenrolou, quase no último quartel do século XIX, entre os colonos alemães estabelecidos no Rio Grande, província então do extinto império do Brasil.

Muitas testemunhas oculares e muitas outras pessoas que tiveram parte nos acontecimentos, ainda vivem, e da boca destas pôde o autor colher grande cópia das suas informações. (SCHUPP, s/d, p.19)

Considerando a descrição do cenário do conflito pelo autor, destacamos a maneira como Schupp caracterizou o contexto no qual se desenvolveu o conflito. Nesse momento, nosso objetivo concentrou-se em analisar a forma como Schupp construiu a sua própria forma de descrever o Ferrabraz. Assim, de acordo com suas palavras:

O teatro principal, porém, ainda não o apresentamos ao leitor. Fica este situado no pro-

longamento da serra de que acima falamos. Se, com a vista, acompanhamos esta cadeia, na direção leste, descortinamos um ponto onde a mesma parece quebrar-se abruptamente; uma como muralha de rocha alcantilada ergue-se o pino da planície, para onde está voltada com a sua frente carrancuda, mal-assombrada e coberta de escuro mato. É o Ferrabrás que, dentre os morros do Rio Grande do Sul, granjeou, embora efêmera, a maior celebridade. (Ibidem, p.36)

A descrição física do Ferrabraz como um lugar de *frente carrancuda, mal-assombrado* e coberto por *mato escuro* remetia o leitor a uma interpretação única em relação ao local. Com essas características pouco atrativas, devemos pensar na recepção desse texto, por parte dos leitores de sua obra, que receberam informações sobre o cenário do conflito e, em especial, sobre seus moradores.

Na segunda edição, o autor incluiu um mapa em que procurou localizar a “*cidadella dos Muckers e seus arredores*” (SCHUPP, s/d, p.373). Esse mapa foi mais uma forma de representar o cenário no qual o conflito se desenvolveu, tentando talvez traçar alguma relação entre o espaço geográfico e sua influência no conflito, uma vez que se tratava de uma área de difícil acesso. Descrito como uma região de vegetação densa e de difícil acesso, a *cidadella dos Mucker* representava a resistência aos valores defendidos pelos demais moradores da localidade. Ao mesmo tempo, a *cidadella* representava uma ameaça à segurança dos moradores, que passaram a ver a casa do casal Maurer como uma espécie de “fortaleza” armada no Ferrabraz.



(SCHUPP, s/d. p. 373)

Foi nesse ambiente de mistério descrito por Schupp que o “*casal misterioso do Ferrabrás se deixou penetrar e possuir dessa convicção*” (Ibidem, p.42), aliando cura de doenças à prática religiosa. De acordo com Schupp, o Ferrabraz era um local caracterizado por uma vegetação densa, que facilmente poderia encobrir as práticas de Jacobina e João Jorge Maurer, ao mesmo tempo em que dificultava a chegada de pessoas de fora, em especial das autoridades e inimigos, que poderiam ser facilmente avistados pelos Mucker, quando se aproximavam do local onde ficava a *fortaleza*.

No entendimento de Schupp, os Mucker eram os representantes da religiosidade não oficial, não identificada com os rituais e crenças defendidos pela Igreja oficial, tanto a Católica quanto a Evangélica. Ilustrando esse olhar religioso sobre o movimento, encontramos uma imagem que retrata São Leopoldo ao tempo do conflito e na qual foi destacado o Colégio dos Jesuítas na cidade.



(SCHUPP, s/d, p. 25)

Outra leitura possível dessa imagem seria a de representar a posição contrária aos Mucker. Enquanto as representações do Ferrabraz procuravam evidenciar o caráter obscuro e fanático dos Mucker, a representação do colégio dos jesuítas procurava mostrar o lado “civilizado” de São Leopoldo, com a presença dos jesuítas na região.

Agregaram-se às percepções anteriores as referências à “*festa de sangue*” (Ibidem, p.216) e à “*orgia de sangue nas picadas*” (Ibidem, p.221) as quais Jacobina estaria promovendo no Ferrabraz. Segundo Schupp, Jacobina estaria espalhando a morte e a desgraça entre os moradores da Colônia. É possível imaginar o impacto que essas ideias, sobretudo da expressão *festa de sangue*, causaram.

O Ferrabraz passou a ser qualificado como espaço onde se praticavam *festas e orgias de sangue*, recriando um ambiente marcado pelo medo e pela morte, que teria se espalhado entre os moradores. O medo e a insegurança na Colônia, até mesmo após a ação das forças oficiais do Império, teria causado entre os colonos a necessidade de se afastar o mais rápido possível das imediações do morro Ferrabraz. A vida em comunidade havia, naquele momento, dado espaço para o conflito, a morte e o medo, como podemos acompanhar:

Os últimos moradores do Sapiranga, que até ali não se tinham podido resolver e abandonar os seus haveres, trataram de juntar, à pressa, tudo o que puderam, e, aos magotes, fugiram para São Leopoldo ou para outros pontos, onde estivessem a salvo. Nas roças, na frente das casas, no campo, no mato e até nas estradas, outrora tão animadas, reinava um silêncio sepulcral. (Ibidem, p.255)

Como já mencionado, a segunda edição da sua obra destacou-se pelo uso de imagens. Dentre elas, destacamos a do acampamento do Coronel Genuíno Sampaio e a do Combate de 19 de julho (Ibidem, p.329). Na imagem do combate, fica evidente a utilização do fogo para destruir a casa do casal Maurer. O fogo foi empregado, nitidamente, como símbolo da destruição do chamado *covil dos Mucker*.

A imagem que mostra o ataque à casa do casal Maurer em 19 de julho revelou o sucesso que obtiveram as forças oficiais. A casa em chamas representava, naquele contexto, a destruição da *fortaleza do Ferrabraz*, a superação de mais um obstáculo que impedia o progresso da Colônia. A destruição da casa, pelo fogo, foi a representação do início de uma nova fase para a comunidade, na qual o local dos cultos ministrados por Jacobina não existia mais. Destruído, o local no qual se praticavam as “atrocidades” apontadas pelos inimigos dos Mucker não representava mais ameaça aos moradores da Colônia.



(SCHUPP, s/d, p. 329)

Peter Burke (2004, p.156) lembra-nos de que as imagens exercem um papel fundamental na construção dos imaginários sociais, na medida em que apresentam ao público um determinado ponto de vista, um ângulo, a partir do qual a imagem procura mostrar uma determinada realidade. Nesse sentido, as imagens pintadas com bico de pena e difundidas por Schupp em sua obra exerceram um importante papel na formação dos imaginários sociais sobre os Mucker e reforçaram a construção de uma narrativa que buscava justificar o massacre dos Mucker, ao mesmo tempo em que glorificava a ação das forças oficiais, como pudemos observar na imagem das autoridades policiais.

As representações identificáveis na obra de Schupp fundamentaram de forma definitiva a construção de uma memória coletiva sobre os Mucker e que os apresentava como os responsáveis pelas atrocidades cometidas no Ferrabraz. Ao mesmo tempo, sua versão dos fatos procurou inocentar os demais moradores da Colônia, absolvendo-os de qualquer crime cometido, uma vez que esses estariam defendendo-se dos ataques dos Mucker.

Ainda segundo Schupp, em 1874 teria se iniciado uma nova fase na vida dos moradores de Sapi-ranga. Após a morte de muitos Mucker e da própria Jacobina, em 02 de agosto, e após a prisão de outros tantos de seus sobreviventes, teve início o momento de reconstrução da vida em comunidade. Schupp procurou representar: “em uma palavra: a colônia semelhava uma criança, em cujo rosto, pouco antes orvalhado pelas lágrimas, assoma a alegria e se espria, afinal o sorriso.” (SCHUPP, s/d, p.307)

A obra de Schupp serviu de obra de referência para estudos posteriores sobre a imigração alemã no sul do Brasil e também para diversos estudos sobre o conflito Mucker. Tratou-se, sem dúvida, de uma obra de grande impacto na sociedade do início do século XX, na medida em que foi através dela que o público letrado teve acesso às primeiras informações sobre o conflito Mucker.

A ênfase nos personagens constrói a ideia do lugar dos Mucker

Ao contrário das representações presentes na obra de Schupp e que associavam o Ferrabraz a um espaço de obscuridade e fanatismo, Leopoldo Petry apresentou uma nova visão sobre o morro Ferrabraz, que procurou enfatizar de forma bastante visível o desenrolar dos acontecimentos atrelado ao local, o morro Ferrabraz. Podemos perceber isso não apenas na leitura de sua obra, mas até mesmo no próprio título dado à sua obra *O episódio do Ferrabraz. Os Mucker*. Ainda nas páginas iniciais da obra, o autor fez a seguinte pergunta: “O que foi a “fortaleza” dos “mucker”?” (PETRY, 1966, p.16). Sua resposta a esse questionamento foi bastante enfática, afirmando que se tratava de uma simples casa de colono, assim como as demais existentes na área colonial alemã. Para comprovar sua ideia, fez referência às ruínas dos alicerces existentes no local onde ficava a casa do casal Maurer, ao pé do Ferrabraz. Segundo Petry, o pequeno tamanho dessas ruínas derrubava a teoria de que naquele local havia uma fortaleza de grandes dimensões.

Segundo o autor, os moradores da Colônia Alemã de São Leopoldo foram abandonados espiritualmente, tornaram-se crentes nas curas realizadas por Maurer e nas palavras santas de Jacobina. Também as fofocas e boatos espalhados pela região afirmavam que a *seita* do Ferrabraz pregava a destruição dos laços familiares. Além disso, seus asseclas⁶ tiveram sua atuação associada ao comunismo, de tal forma que a população os considerou como um perigo, já que pregavam um desvio das regras de boa conduta social. Ainda segundo Petry a situação no morro Ferrabraz era marcada pelas constantes rivalidades entre os dois lados, o que ocasionou, por parte dos Mucker, a retirada das crianças da escola e a não mais participarem da vida em comunidade. Na narrativa de Petry, o Ferrabraz agora aparecia como o cenário de uma triste história, marcado por dois lados inimigos, rivais entre si.

Vale ressaltar que a obra de Petry tornou-se o primeiro estudo que buscou levantar algumas questões referentes à atuação das autoridades, contrapondo-se às ideias de Schupp, para quem os Mucker seriam realmente “culpados”, ou seja, fanáticos e perigosos. Mesmo preocupado em “inocentar” os Mucker e em descrever o cenário do conflito, Petry não deixou de descrever a situação em que se encontravam os colonos do Ferrabraz à época do conflito. De acordo com sua análise, o Ferrabraz, que era um lugar pacífico e tranquilo, havia se transformado num *local de conflito* e de *guerra*, no qual teria ocorrido uma verdadeira *feira de sangue*, em razão dos ataques cometidos contra os Mucker. Portanto, naquele momento, o Ferrabraz passava a ser um local de conflito e não mais de tranquilidade, como era antes do conflito.

Os personagens inseridos no contexto do Ferrabraz ganham mais força na medida em que nos debruçamos sobre as representações sociais presentes nos artigos publicados no jornal de Sapiranga, que elegeu o morro como símbolo para denominar o jornal da cidade, fundado em 1949.

O nome escolhido para o jornal dos sapiranguenses - *O Ferrabraz* – foi uma forma de identificar a imprensa local com a comunidade, na medida em que o morro era conhecido dos sapiranguenses e fazia

⁶ Termo empregado por Leopoldo Petry para se referir aos membros do grupo Mucker.

parte da paisagem local. Em relação à denominação, entendemos que a equipe responsável pela imprensa sapiranguense recorreu a uma simbologia curiosa, se considerarmos a relação que a comunidade mantinha com o espaço geográfico e com a memória herdada do final do século XIX sobre o conflito Mucker.

Ao analisarmos as edições do Ferrabraz, constatamos que, na década de 1960, tornaram-se frequentes as referências ao conflito Mucker. Sobretudo, os artigos escritos por Leopoldo Sefrin serviram como instrumento de crítica e de referência ao passado da cidade, política associada a um período obscuro da história de Sapiranga. Oitenta anos após o desfecho do conflito, Sefrin reproduzia e atualizava as representações depreciativas presentes no pensamento do jesuíta Ambrósio Schupp, obra na qual Sefrin baseava-se para escrever seus artigos.

A imprensa procurava, através da publicação dos artigos sobre os Mucker, relembrar a população sobre a história do conflito. Isso, contudo, era feito a partir de um único ponto de vista, que apontava os Mucker como únicos culpados, enquanto procurava inocentar os colonos, apresentados como vítimas dos ataques dos Mucker. Os artigos divulgados no período compreendido entre 1949 e 1960 foram marcados pela veiculação de representações que se originaram especialmente dos testemunhos de sobreviventes do conflito. O apelo emocional dos artigos deixava clara sua intenção de agir nos sentimentos e emoções de seus leitores. Daí a ênfase dada, na narrativa, a termos exaltados e irônicos nas referências feitas aos Mucker.

Em sua primeira edição, o jornal trazia um breve resumo da história de Sapiranga intitulado O Ferrabraz, no qual é enfatizada a descrição do morro Ferrabraz e os fatos nele ocorridos no passado. O artigo tinha como objetivo informar e justificar ao leitor as razões da denominação dada ao jornal. Na primeira edição, o morro Ferrabraz foi descrito da seguinte maneira:

Como um dos últimos contrafortes da Serra do Mar, debruça-se, por assim dizer, num recanto do espaço, o Ferrabraz.

Conquanto não seja um dos pontos mais elevados dessa Serra, é, entretanto, uma elegante saliência, do solo, que ali está, como que espreitando o desenvolvimento de uma risonha povoação; como que defendendo uma laboriosa Vila contra possíveis ataques de hordas maléfica; como que, encorajando um povo para sempre e mais se elevar para os ideais alevantados e sublimes do progresso quer material, quer espiritual. (O Ferrabraz, 01 dez. 1949. p.1)

A denominação do jornal foi justificada pela pujança natural do morro e endossada pela história que ali ocorreu no final do século XIX. Os Mucker foram identificados como seguidores de falsas ideologias e, portanto, serviram para o jornal de contraponto. Na medida em que, no passado, o morro Ferrabraz foi o espaço dos Mucker, anos mais tarde o jornal de mesmo nome, O Ferrabraz, orientaria para a crítica dos fatos do passado, posicionando-se contrário aos ideais defendidos pelos Mucker. Com isso, a imprensa sapiranguense procurava construir uma nova identidade para o morro Ferrabraz, ligada ao novo tempo que se iniciava em meados do século XX. Essa ideia se tornou perceptível no momento em que o jornal afirmou:

Dando ao nosso jornal o nome de “O Ferrabraz” foi porque nos inspiramos nas duas premissas acima lançadas: a da posição do morro que leva este nome e a da existência, nele, de uma ideologia, falsa, embora, para os Muckers, norteadora de uma iniciativa, a qual fora orientada por outro prisma, teria, possivelmente, contribuído para o nosso progresso. (Ibidem, p.1)

O jornal pretendia, ainda, constituir-se como o veículo oficial de informação, na medida em que afirmava que “*Assim como está coberto de vasta vegetação e risonhas vivendas, queremos nós, os do jornal, cobrir as páginas do “O Ferrabraz” de colaborações de todo o gênero de leitura, edificante, instrutiva, recreativa: porém livre de combates nos terrenos religioso e político.*” (Ibidem, p.1)

No dia de Natal do ano de 1949, foi publicada a segunda edição do jornal, trazendo mais uma vez na primeira página um artigo que tratava dos Mucker. Dessa vez, o tema abordado foi a atuação de Jacobina junto aos Mucker e os supostos tesouros por eles enterrados no Ferrabraz. Além do caráter de mistério que envolvia o Ferrabraz - já enfatizado na primeira edição -, naquele momento o morro passou a representar um lugar de riquezas escondidas, para onde muitos aventureiros se dirigiram. O artigo destacou que muitas eram as lendas que gravitam em torno da “tão famigerada campanha” contra os Mucker.

Ao finalizar o artigo, o autor questionou a ação dos Mucker, que, em seu entendimento, não teriam sabido aproveitar a natureza do Ferrabraz e a situação topográfica privilegiada para “*praticar o bem e servir*” de vigia para a grandeza da pátria. Pelo contrário, segundo o autor do artigo, os Mucker haviam denegrado a imagem do morro com a mancha negra da morte, da devastação e do despotismo. Mais uma vez, a representação do Ferrabraz – como espaço do medo e da morte – era reafirmada e difundida.

Outro autor, que se soma a análise que estamos realizando sobre o Ferrabraz e que, da mesma forma como os anteriores, enfatiza as representações dos personagens no contexto do Ferrabraz, é Moacyr Domingues, que após exaustivo levantamento documental e bibliográfico, publicou *A nova face dos Muckers* (1977).

Domingues apresentou não só os principais aspectos do conflito, mas também desvendou as origens familiares dos principais envolvidos no conflito. Concentrou-se, ainda, na identificação e descrição dos principais momentos que envolveram os Mucker no conflito que resultou no assassinato de Jacobina, apontada como líder do grupo, em 02 de agosto de 1874.

Encontramos, logo nas primeiras páginas da obra, uma descrição do Ferrabraz à época dos acontecimentos. Para fazê-lo, Domingues valeu-se da descrição feita por Koseritz e publicada no jornal *Rio Grandense* do ano de 1874. Ao convidar o leitor para que *brindemos com uma página de Carlos Von Koseritz, jornalista brilhante e prosador inspirado*, Domingues posiciona-se favoravelmente à versão de Koseritz, importante divulgador de ideias contrárias aos Mucker.

A imagem construída do Ferrabraz por Koseritz e apresentada por Domingues ressalta o caráter depreciativo e até polêmico com que descreveu o cenário do conflito. Seu texto intitulado *O palco da tragédia* procura informar o leitor sobre o local, descrito como uma “*região de incrível uberdade, mas montanhosa e ainda coberta de espessas matas, cujas árvores seculares servem de abrigo a animais ferozes, e são ainda, não raras vezes, visitadas por errantes tribos de indígenas.*” (DOMINGUES, 1977, p.24)

Embora Koseritz tenha chegado a afirmar que a paisagem da região era das *mais lindas e pacíficas*, habitada por um *alegre e bem disposto povo*, não deixa de enfatizar a selvageria inerente do lugar:

Confessamos que quando em 1868 (com o então presidente da província Dr. Marcondes) estivemos a primeira vez no Padre Eterno, causou-nos uma espécie de constrangimento do coração aquela negra massa montanhosa e coberta de espessas matas, que tão singularmente contrastava com as densamente povoadas e bem cultivadas terras da antiga fazenda

do finado Leão(...).

E razão tivemos para contemplar aquela medonha montanha, com seus não mesnos selvagens arrabaldes, com certo terror.

Era ali o covil em que então se preparava a horrível tragédia, que daí a anos devia fazer estremecer de horror a província, reproduzindo as cenas da média idade e dando lúgubre nomeada ao morro do Ferrabrás e suas adjacências.

Recostado sobre a mata virgem que cobre as fraldas da Serra Geral, desde as nascentes do Jacuí até campos de São Francisco de Paula, é o Ferrabrás o maior morro daquela região, e esta como que preparado pela própria natureza para servir de covil a bandidos e salteadores.

Há apenas duas picadas que dão acesso às imediações do morro, onde demora a casa de Maurer, que tão funesta nomeada adquiriu, e onde fumega hoje o sangue de quarenta bravos que jogaram a vida na defesa dos colonos do Padre Eterno e Campo Bom. (Ibidem, p.24)

Para Koseritz, a paisagem do Ferrabraz causava medo nas pessoas, por sua altitude e vegetação densa, e também por seu estado de *selvageria* e de *incivilização*, ao ser habitado por animais ferozes e por indígenas. Segundo sua interpretação, a própria geografia acidentada do Ferrabraz havia propiciado o surgimento de um grupo de revoltosos, já que a densa floresta servia muitas vezes de esconderijo.

As representações presentes na obra de Domingues, de 1977, reatualizam as de Koseritz, que foram publicadas no jornal *Rio Grandense* em 1874. Por ter sido uma obra de grande circulação, ela contribuiu de forma significativa para a construção de uma imagem do Ferrabraz, ligada à hostilidade e ao crime, vinculando seus moradores às características próprias da natureza da região. De acordo com esses dois autores – Koseritz e Domingues –, o Ferrabraz representava um espaço *preparado pela própria natureza* para servir de refúgio a bandidos e pessoas de má índole.

Como na perspectiva apresentada por Petry e Domingues, o Ferrabraz aparece como cenário dos Mucker na obra literária “Videiras de Cristal”, de Assis Brasil. Entretanto, dessa vez o Ferrabraz ganha características especiais, em se tratando de um romance histórico.

Assim, entendemos que a literatura exerce, nesse contexto, um papel fundamental na formação dos imaginários sociais, na medida em que expõe a opinião do autor, ao mesmo tempo em que se apresenta descompromissada com a “verdade” dos fatos históricos. Isso não impede, no entanto, que a literatura acabe por desempenhar um papel de fundamental relevância, na medida em que veicula ideias e versões sobre um determinado tema da história.

É precisamente esse o caso da obra publicada por Assis Brasil, que desempenhou papel de difusora de determinadas versões sobre o conflito Mucker, contribuindo de forma decisiva na construção das representações sociais sobre o Ferrabraz, os Mucker e, especialmente, sobre Jacobina Maurer.

A publicação de *Videiras de Cristal*, em 1990, desempenhou papel de fundamental importância, por ter sido a obra de maior circulação entre o público leitor desde a primeira publicada sobre o tema, a de Ambrósio Schupp, editada pela primeira vez em português no ano de 1906. Acreditamos, também, que sua obra contribuiu para a retomada da discussão e para o fomento de novos estudos sobre o tema por diferentes áreas do conhecimento.

Na obra ficcional de Assis Brasil, encontramos o morro Ferrabraz com múltiplas faces. A representação construída por Assis Brasil⁷ não nos leva a pensar num espaço apenas físico, mas também no Ferrabraz como espaço de conflito, de devoção e de fervor religioso. Inicialmente, o Ferrabraz é apresentado como um lugar:

... escuro e coberto de mata espessa, crescia em meio à paisagem como uma advertência de mistério. Era povoado por bugios e seus roncos enchiam o vale com presságios de outro mundo. Na Picada anoitecia mais cedo, e a manhã custava a chegar. Mesmo no verão a selva adjacente mantinha-se úmida, recendente a folhas podres. (ASSIS BRASIL, 1997, p.20)

A descrição feita por Assis Brasil torna evidente a associação do morro Ferrabraz com um lugar de mistério e escuridão, vinculando-o a um ambiente propenso a fatos sobrenaturais. Nesse momento, o romance leva o leitor a um mundo de fantasias, já que a descrição física do morro confunde-se com fatos de *outro mundo*. Percebemos, ainda, a preocupação do autor em descrever o clima de devoção religiosa existente no Ferrabraz, caracterizando o morro como um verdadeiro espaço *sagrado*, de intensa devoção e fervor religioso. Para enfatizar o caráter religioso do Ferrabraz, Assis Brasil reconstituiu uma fala atribuída à personagem Jacobina, que teria sido proferida a seus fiéis:

*- Meus filhos – ela disse. – Meu coração se enche de alegria neste dia tão feliz. Mais uma vez as forças do Mal nada puderam contra nós. Os ímpios tramam, com toda sua malícia, com toda sua ferocidade. Mal sabem eles que logo se aproxima o **Dia do Juízo**, quando tremerão de pavor. **Só nós ficaremos vivos, nós os eleitos do Espírito Natural. Só nós brilharemos e cantaremos hinos de louvor ao Altíssimo, aqui ao pé do nosso Morro Sagrado, onde os pássaros entoarão conosco a vinda de um novo tempo, sem miséria, sem ódios, sem guerras. Será um tempo em que os rios se transformarão em torrentes de leite e das árvores nascerá o pão para o nosso sustento. Aí nos contemplaremos e nos beijaremos e cada mulher e cada homem procurará o seu par, livre do peso das leis humanas. Por enquanto devemos aguardar, confiantes e sábios, mas não amortecidos para a vida. (...)** (Ibidem, p.311-312)*

Enfatizando a devoção e o fervor decorrente das pregações feitas por Jacobina, Assis Brasil destaca também a atuação de João Jorge Klein, cunhado de Jacobina. É interessante observar a forma como o ambiente do Ferrabraz é usado para explicar a conversão de Klein à nova religião. Num diálogo travado entre Klein e o pastor Boeber, a *selva* do Ferrabraz é utilizada por este último para justificar a decadência moral de Klein:

*- Você foi subvertido pela selva, Klein. Este **clima quente e úmido, a vizinhança desses brasileiros desregrados e bebedores de cachaça, tudo isso colaborou para que você perdesse a noção do que é certo e do que é errado. Até que lhe atribuo uma inteligência regular, mas atualmente você é um homem de outra época. A colônia vive uma nova ordem, agora, restabelecimento da verdadeira disciplina germânica. Jacobina é um resquício dos tempos antigos, onde cada um se defendia como podia. Agora há leis, há hierarquia, há respeito.** (Ibidem, p.181)*

A vegetação, o clima e o contato com os não alemães aparecem como motivadores da conversão de

⁷ Um fato interessante na obra de Assis Brasil é que o narrador, desde o início da obra, é um dos personagens criados pelo autor. Christiano Fischer é o narrador da história e é através de seu personagem que foram apresentados o cenário e os demais personagens envolvidos no romance. Com esse recurso, Assis Brasil se isenta da versão apresentada, passando essa responsabilidade para o próprio personagem narrador.

Klein à religião de Jacobina. O isolamento que o Ferrabraz impunha a Klein e a Jacobina transformava-os em atores vinculados a uma outra época, que se opunha à vivenciada pela *colônia, que ingressava na civilização*.

No romance, é enfatizada a condição de refúgio do morro para os adeptos de Jacobina. Para demonstrar a dinâmica que caracterizou o conflito, o autor recorre à descrição da geografia acidentada, que teria dificultado inúmeras vezes a movimentação das tropas oficiais. Local de natureza selvagem que se converte em espaço de devoção e fervor religioso: é essa a representação do morro Ferrabraz no romance de Assis Brasil. Valendo-se do recurso da criação entre os personagens, a história contada pelo autor articula o espaço e a dinâmica do conflito.

A literatura, com sua capacidade de criar cenários e personagens na ficção, acabou servindo de inspiração para as telas do cinema. O resultado dessa relação foi a produção, em 2002, do filme “A Paixão de Jacobina”, que cabe lembrar foi baseado na obra de Assis Brasil.

Assim, o conflito Mucker não despertou apenas os olhares atentos de estudiosos interessados em analisar as fontes documentais para nelas e através delas desvendar o conflito. Duas produções recentes do cinema brasileiro procuraram retratar o conflito Mucker nas telas do cinema.

O primeiro filme produzido sobre o tema, *Os Mucker: o massacre da seita do Ferrabrás*, foi lançado no Festival de Cinema de Gramado, em 1979, e teve à sua frente Wolf Gauer e Jorge Bodansky como diretores.

Os anos finais da década de 1970, que contaram com a publicação da obra de Janaína Amado e com o lançamento oficial do primeiro filme sobre os Mucker, foram decisivos para uma mudança na compreensão do conflito bem como sobre a imagem construída até então sobre seus principais personagens. Essa primeira produção cinematográfica foi bastante simples, não contando com efeitos visuais sofisticados, dada a época em que foi produzido. Também em função dos recursos financeiros limitados, o filme contou com a participação de atores amadores, sendo a grande maioria deles de moradores de Sapiranga.

A grande novidade que a produção cinematográfica representou foi que, se antes o público conhecia os Mucker através apenas da produção escrita, o filme oferecia aos espectadores o desenrolar da ação. A paisagem natural, o cenário com suas casas e os personagens em movimento tornavam a história do conflito mais atraente, ao mesmo tempo em que transformava a versão apresentada pelo cinema como a verdadeira em relação aos fatos. O filme de 1979 procurou recriar o ambiente vivido pelos colonos à época dos acontecimentos. A paisagem, as casas, a iluminação, as vestimentas e a língua falada, o alemão, procuraram recriar o cenário do conflito e da região. As gravações foram realizadas nas proximidades do local onde, de fato, ocorreu o conflito, assemelhando-se em muitos momentos ao ambiente no qual os Mucker viveram.

O morro Ferrabraz, por sua vez, apareceu de forma natural, com sua geografia acidentada e sua vegetação densa, como um lugar de difícil acesso, dadas às condições das picadas abertas em meio ao mato e na referência à demora em se chegar até o centro de São Leopoldo. Lugar de natureza exuberante, marcado pelas plantações e pelas casas dispersas dos colonos: foi essa a representação do Ferrabraz na primeira produção cinematográfica sobre o conflito dos Mucker e como o espaço da luta entre Mucker e seus inimigos. O morro de onde brotou a discórdia na região aparece, ainda, como lugar de derramamento

de sangue e de fonte de luto para muitas famílias.

Entre a primeira produção cinematográfica e a segunda, passaram-se 23 anos, período em que se alteraram, significativamente, contexto e tecnologia. Dotados de melhores condições técnicas e recursos de mídia, Luís Carlos e Lucy Barreto lançaram, em 2002, um novo filme sobre o conflito Mucker.

Distinguindo-se em vários aspectos da primeira produção, o filme foi lançado no Festival de Cinema de Gramado em 2002, sob o título *A paixão de Jacobina*. Como sugere o título, o filme explorou a sensualidade e o fanatismo de sua personagem central, Jacobina Maurer. A “paixão”, neste caso, definia-se como o fanatismo religioso de Jacobina, cuja figura misturava sensualidade e nudez como expressão de sua entrega a Deus. Foi em meio a esse ritual que misturava fanatismo e sensualidade que Jacobina surge como personagem central do filme.

Não podemos esquecer que se tratava de colonos que levavam uma vida bastante simples, assim como também eram suas casas, suas roupas e sua própria forma de falar, que não se comparava com as mostradas nas cenas de *A paixão de Jacobina*. Isso nos leva a crer que não houve preocupação com uma caracterização fiel do ambiente de época, mas sim a criação de um cenário que pudesse agradar os espectadores.

Neste caso, o Ferrabraz apresentado no filme dos Barreto não foi o morro Ferrabraz “real”, natural, com sua geografia recortada, com sua vegetação densa e de difícil acesso. Pelo contrário, o morro Ferrabraz de *A paixão de Jacobina* foi o construído cenograficamente pelas mãos dos encarregados da montagem dos cenários. Com casas perfeitamente pintadas e com tratamento paisagístico, agricultores alinhados e com roupas feitas de tecidos finos, cujas características em nada se assemelhavam às dos colonos da zona rural de São Leopoldo. O filme, por isso, construiu uma imagem ficcional do Ferrabraz e de seus moradores, que em nada se associava ao ambiente vivido pelos Mucker.

Considerações finais

Apresentamos as variadas representações produzidas sobre o Ferrabraz a partir de diferentes contextos e de diferentes observadores. Desde os primeiros olhares, que datam do final do século XIX, até os mais recentes, do início do século XXI, percebemos que a forma de compreensão do conflito e de seu cenário apresenta-se a partir de diferentes maneiras. O morro Ferrabraz foi, simultaneamente, espaço de contemplação da natureza, de fervor e devoção religiosa, de conflito e derramamento de sangue, de harmonia e encontro com Deus e também espaço de construção de um cenário ficcional e irreal.

Em diferentes contextos e sob pontos de vista diferentes, o morro foi, sem dúvida, o espaço dos Mucker, como se tornou evidente na investigação realizada. Cenário do conflito Mucker, o Ferrabraz consagrou-se na história do conflito como o “palco dos acontecimentos”, o centro do combate entre os dois lados do conflito. Não foi apenas lugar de moradia dos Mucker: foi o símbolo da resistência de um grupo que procurou viver de forma distinta dos demais moradores da colônia.

Atualmente o Ferrabraz chama a atenção dos turistas através dos *Caminhos de Jacobina* e também dos esportistas praticantes do vôo-livre, que sobrevoam a *densa vegetação* do morro que foi *campo de batalha* e de extermínio dos Mucker. O “gigante verde” que no passado causava medo naqueles que o

observavam, hoje é percebido como espaço de interesse histórico-natural ou, na perspectiva trazida por Pollack, esse lugar foi, evidentemente, alvo de um processo de (re)formalização nos quadros da memória.

REFERÊNCIAS

AHRS. Ligeira Notícia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maço 152.

AMADO, Janaína. Conflito social no Brasil: a revolta dos “Mucker”. São Paulo: Símbolo, 1978.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 28.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de cristal*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

BACZKO, Bronislaw. Los imaginários sociales: memórias e esperanzas colectivas. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.

BIEHL, João Guilherme. *Jammerthal, o vale da lamentação*: crítica à construção do messianismo Mucker. 1991. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1991.

BOURDEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*: História e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo, Contexto, 2012.

CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo*: memória e fim do fim da história. 2 ed. Coimbra: Almedina, 2011.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e circunstâncias*: um estudo sobre os Mucker e seu tempo. 1996. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 1996.

DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 03.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer: imaginários de sentido que falam do passado. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 6, 2006. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/document1499.html>>.

Acesso em 09. mai. 2013.

_____. *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz*. 2ª ed. *Os Mucker*. São Leopoldo: Rotermond, 1966.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1989.

SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d.

SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 2 ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, s/d.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, 1., 1974. *Anais...* São Leopoldo: Rotermond, 1974.

